



## REQUERIMENTO Nº , de 2017 - CAS

Requeiro, nos termos do art. 58, § 2º, II, da Constituição Federal e do art. 93, II, do Regimento Interno do Senado Federal, a realização de audiência pública, com o intuito de debater o “Bullying”.

Para tanto, como debatedores, sugerimos os seguintes convidados:

- Prof. Hugo Monteiro Ferreira - Departamento de Educação - Universidade de Pernambuco;
- Sr.<sup>a</sup> Tânia Paris – presidente da Associação pela Saúde Emocional das Crianças (ASEC) especialista em educação emocional ASEC;
- Sr. Luciano de Castro - coordenador pedagógico do ensino médio do Colégio Salesiano Santa Teresinha (São Paulo – SP);
- Sr. Fernando Tiago; Diretor da Escola Classe 45 da Ceilândia;
- Ângela Uchoa Branco; Professora aposentada do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília e coautora do livro Bullying - escola e família enfrentando a questão;
- Isabella Bana; Procuradora do Município de Planaltina do Paraná e autora do livro “Bullying, homofobia e responsabilidade civil das escolas”.

## JUSTIFICAÇÃO

Segundo o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) 2015 da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento





Econômico (OCDE), um em cada dez estudantes brasileiros é vítima de bullying nas escolas.

Adolescentes sofrem, recorrente e intencionalmente, os mais variados tipos de agressão, desde um simples insulto; uma acusação ou depreciação sistemática; até ataques físicos repetidos (corpo ou propriedade); interferência na propriedade pessoal (material escolar, roupas), danificando-os; ou ameaças.

A prática continuada de quaisquer desses tipos de violência é capaz de colocar esses jovens em um estado fora da realidade. Desse modo, agressores e agredidos passam a viver em um universo em que as regras sociais e os parâmetros do bom senso são praticamente inexistentes. As consequências desse cenário instalado podem ser trágicas, como foi o caso do Colégio Goyases, em Goiânia.

O bullying de hoje não é mais aquele do passado, no qual uma relação baseada na submissão era considerada natural e normal. O bullying não é um problema simples. Não é algo que se resolva com advertências na secretaria do colégio. Ele ocorre, também, em meias palavras e no silêncio de olhares. Precisamos de uma mudança de comportamento que atinja toda a sociedade. Possível? Sim, mas nada fácil.

Pesquisa elaborada pelo Pisa avaliou adolescentes de 15 anos e o resultado nos mostra que, no Brasil, 17,5% disseram sofrer alguma das formas de bullying "algumas vezes por mês"; 9,3%, ser alvo de piadas; 7,8% disseram ser excluídos pelos colegas; 4,1%, serem ameaçados; 3,2%, empurrados e agredidos fisicamente. Além disso, 5,3% disseram que colegas frequentemente destroem suas propriedades e 7,9% são alvo de rumores maldosos. De acordo com esses relatos, 9% foram classificados, no estudo, como no topo do indicador de agressões e mais expostos.





**SENADO FEDERAL**

**Gabinete do Senadora MARTA SUPLCY**

"O bullying tem sérias consequências tanto para o agressor quanto para a vítima. Tanto aqueles que praticam o bullying quanto as vítimas são mais propensas a faltar às aulas, abandonar os estudos e ter piores desempenhos acadêmicos que aqueles que não têm relações conflituosas com os colegas", diz o estudo, que acrescenta que nesses adolescentes estão, também, mais presentes sintomas de depressão, ansiedade, baixa autoestima e perda de interesse por qualquer atividade.

É muito importante intensificar o debate visando a políticas públicas que possam colaborar no combate e na prevenção ao bullying.

Sala da Comissão, 7 de novembro de 2017.

**Senadora MARTA SUPLCY.**  
**(PMDB/SP)**



SF/17246.95875-33